



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## O Alienista: relações entre loucura, poder e literatura

Por: Juliana Moratto<sup>34</sup>

juliana.moratto@ifpr.edu.br

&

Guilherme Cantieri Bordonal<sup>35</sup>

gcbprofessor@gmail.com

### Resumo

O conto *O Alienista*, de Machado de Assis, é uma excelente oportunidade para analisar as relações da loucura com os meios sociais no Brasil Império. O médico Simão Bacamarte criou um hospital para internar os loucos de Itaguaí. Depois de enclausurar quase toda cidade, mudou repentinamente de método, liberou todos os cidadãos e tornou-se o único paciente do hospital *Casa Verde*. Com uma capacidade descritiva ímpar, Machado criou um conto que foi capaz de antecipar muitos problemas epistemológicos, sociais e políticos no final do século XIX. É possível relacionarmos a literatura desse autor com perspectivas foucaultianas e deleuzeanas. Ele se inscreveu no rol da alta literatura junto com Cervantes, Dostoievski e Tolstoi. Descreveu os limites da razão, da ciência e fez da loucura ficção.

**Palavras-chave:** Alienista; Loucura; Literatura; Psicologia.

### Resumo

La mallonga rakonto *O Alienista*, de Machado de Assis, estas bonega okazo por analizi la rilaton inter frenezo kaj sociaj amaskomunikiloj en Brazilo Império. La kuracisto Simão Bacamarte kreis hospitalon por internigi la frenezulojn de Itaguaí. Enkaptinte preskaŭ ĉiun urbon, li subite ŝanĝis sian metodon, liberigis ĉiujn civitanojn kaj fariĝis la sola paciento en hospitalo *Casa Verde*. Kun unika priskriba kapablo, Machado kreis historion, kiu povis antaŭvidi multajn epistemologiajn, sociajn kaj politikajn problemojn en la fino de la 19a jarcento. Eblas rilati la literaturon de ĉi tiu aŭtoro kun Foucault kaj

<sup>34</sup> Licenciada em Letras Português/Espanhol. Especialista em Ensino de Língua Espanhola. Mestre em Ensino - UENP. Doutoranda em Estudos da Linguagem - UEL. Docente em Língua Portuguesa e Espanhola no IFPR Campus Ivaiporã.

<sup>35</sup> Licenciado em História pela UEL. Especialização em História e Teoria da Arte - UEL. Mestrado em História Social - UEL. Graduando em Psicologia. Professor de História na rede estadual do Paraná.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Deleuze-vidpunktoj. Li aliĝis al la listo de altaj literaturoj kune kun Cervantes, Dostoievski kaj Tolstoi. Li priskribis la limojn de racio kaj scienco kaj igis frenezan fikcion.

**Ŝlosilvortoj:** Alienisto; Frenezo; Literaturo; Psikologio.

### Resumen

El cuento El alienista, de Machado de Assis, es una excelente oportunidad para analizar las relaciones de locura con los medios sociales en Brasil Imperio. El médico Simão Bacamarte creó un hospital para internar a los locos de Itaguaí. Después de encerrar casi toda la ciudad, cambió repentinamente de método, liberó a todos los ciudadanos y se convirtió en el único paciente del hospital Casa Verde. Con una capacidad descriptiva impar, Machado creó un cuento que fue capaz de anticipar muchos problemas epistemológicos, sociales y políticos a finales del siglo XIX. Es posible relacionar la literatura de ese autor con perspectivas foucaultianas y deleuzeanas. Se inscribió en el rol de la alta literatura junto a Cervantes, Dostoievski y Tolstoi. Describió los límites de la razón, de la ciencia e hizo de la locura ficción.

**Palabras clave:** Alienista; locura; literatura; Psicología.

### Introdução

A literatura é uma produção cultural capaz de descrever de modo poético, intuitivo e compactado determinados aspectos da realidade humana. Alguns autores tornaram-se capazes de detalhar as personalidades, paixões, inclinações de seus personagens, e fazer disso enredos dotados de beleza, portadores de catarse. O conto analisado neste artigo é um desses exemplos. Com domínio de estilo, retórica envolvente, personagens caricatos e momentos de clímax, somos colocados em um enredo que explica parte de nossa história, nossa sociedade e debilidades.

O conto se passa em Itaguaí, interior da Província do Rio de Janeiro. Escrito em 1882, final do Império, não há nela uma data muito bem definida, mas pode-se deduzir que a história também se passa no período do Império. Foi publicado em uma reunião editorial com outros contos. Temos aqui o tempo e o espaço das ações do protagonista da nossa história. Um anti-herói, mais um na literatura brasileira. A vulgaridade do dito popular “de médico e louco, todo mundo tem um pouco”, nos dá a medida de Simão



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Bacamarte – no caso, um pouco médico, bastante louco.

Ao se tornar médico, tornou-se doente de si mesmo, de sua prática e (in) consciência. Com o uso de critérios rígidos, o médico conseguiu adoecer toda cidade e para curá-la, tornou-se ele o doente. Baseado no rigor científico e imparcial liquidou a loucura coletiva tornando-se o único louco. Bacamarte era um homem de extremos: ora cientista, ora desajuizado.

Com grande sagacidade, Machado de Assis (1839-1908) conseguiu elaborar um enredo simples, mas cheio de personagens peculiares, para descrever o problema da loucura, sua relação com a ciência (psiquiatria) e as práticas sociais utilizadas no Brasil Imperial para solucionar esse problema.

### **Desenvolvimento**

Em vários momentos de sua obra, Machado conseguiu descrever aspectos da sociedade brasileira no século XIX: as relações sociais, as hipocrisias, mentiras e formalidades vazias. Rabello (2008) ajuda a descrever o contexto social no qual Machado de Assis produziu sua obra:

No século XIX brasileiro, numa sociedade de base escravocrata, o que significava ser filho de negro, pobre, gago e com manifestações de epilepsia, como o menino Joaquim Maria Machado de Assis? Ser pobre dificultava-lhe as possibilidades de trabalho e de desenvolvimento do talento. Ter origem negra limitava-as ainda mais. Apresentar sintomas de gagueira e manifestações de epilepsia confinava o jovem aos espaços fechados (RABELLO, 2008, p. 194).

Mesmo com as dificuldades descritas acima, ele tornou-se um dos maiores escritores da língua portuguesa e é tido por alguns críticos como o maior literato brasileiro. Logo nos primeiros parágrafos de *O Alienista*, é possível perceber uma dialética que irá percorrer todo o texto. Simão Bacamarte, médico, cientista, formado nas universidades europeias e com uma vida dedicada à ciência, escolheu sua esposa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

obedecendo critérios especificamente científicos. Tudo isso para gerar uma prole saudável. No entanto, D. Evarista não gerou nenhum rebento e, por isso, frustrou os planos do nosso anti-herói. Muita ciência para pouca eficiência. Enquanto o marido dedicava todo seu tempo ao estudo da psiquiatria, sua esposa mostrava-se maravilhada com os vestidos, com sua viagem para a capital e com assuntos fúteis. O casal era composto pelo Alienista e a Alienada. Mesmo se julgando capaz de compreender o funcionamento psicológico de toda cidade, ele não obteve sucesso na escolha de uma mulher dotada de virtudes intelectuais.

Bacamarte se concentrava em descobrir as ilhas e os continentes da loucura, melhorar seus diagnósticos, os métodos de tratamento, observar quais cidadãos manifestavam e carregavam em si o potencial da loucura, merecendo os louros do tratamento na *Casa Verde*. Durante o conto, o protagonista vai refinando suas práticas e conseguindo aumentar seu prestígio e interação na sociedade local.

O tom irônico irá percorrer toda trama do conto. Percebemos que a ironia era usada por Machado de Assis em vários momentos de sua obra. Era um modo inteligente de realizar críticas aos modelos sociais. De modo sutil, em muitos momentos da narrativa, percebemos como Bacamarte se afastava cada vez mais da realidade ao tentar compreendê-la, descrevê-la e dominá-la. Do mesmo modo que Narciso se apaixonou pela sua imagem e se afogou ao tentar obtê-la, Bacamarte criou sua loucura ao se apaixonar pela sua razão. Produziu sua idiotice.

É possível perceber essa contradição também entre o primeiro e o último parágrafo do texto. No primeiro parágrafo, temos a descrição de Bacamarte como um cientista racional, compenetrado no trabalho e objetivo. No último parágrafo, o protagonista aparece preso no hospício que ele mesmo criou, tornou-se um prisioneiro da sua própria racionalidade, um algoz da cientificidade da qual praticara, preso nas ideias fixas da positividade. Para sair dessa prisão, seria necessário rever seus métodos, suas crenças, seus conhecimentos, o íntimo das certezas, o fingimento de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

impessoalidade: tornar-se humano. E ele conseguiu a liberdade? Pois é, não sabemos. Mais uma vez, fomos tragados pela prosa machadiana que nos abandona com essa incógnita.

Em um belo artigo sobre as relações de *O Alienista* com a loucura na modernidade, Gomes (1993) descreve algumas características do nosso cientista:

Nada o comove exceto a ciência. Goza apenas das alegrias reservadas a um sábio e sobrevive num mundo dividido. O presente e o futuro. A besta e o gênio. O sábio e o vulgo. A razão e o sentimento (GOMES, 1993, p. 146).

Bacamarte se apresenta como uma caricatura exagerada do cientista moderno. Durante o século XVIII, com a formação filosófica de cunho Iluminista, a Europa experimentou a íntima relação entre a Filosofia e a Ciência. Nesse século, temos o apogeu do *status* da ciência como a fonte epistemológica produtora de verdades que eram demonstradas por métodos racionais, imparciais e objetivos. Os avanços nas áreas da Física, Química e Biologia trouxeram um sentimento de otimismo. O progresso tornou-se possível. Acreditava-se que a sociedade europeia estava caminhando na luz, rumo ao melhor, saindo de uma condição de inferioridade e ganhando a maioria – nas palavras de Kant (1985). Ao fazer da *Razão* sua inspiração, o homem moderno negava as trevas e caminhava na luz do conhecimento.

Esses pressupostos causaram grandes impactos sociais e alteraram a relação dos homens com o mundo. O discurso científico se apresentou como produtor de verdade e capaz de explicar a realidade, a sociedade e os fenômenos naturais. Tornou-se a principal baliza para a constituição das leis, da administração estatal e cada vez mais do controle social. Em *O Alienista* há também essa crítica: quais são os critérios utilizados pelo Estado Moderno para estabelecer leis e práticas de controle social? Quem é o bandido, malfeitor, o doente, o louco, o cidadão, o santo? O conto não nos fornece essa resposta, mas aponta para a debilidade da crença cega em alguns



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pressupostos científicos. No momento em que Bacamarte obteve prestígio social por ser o detentor da racionalidade científica e se aliou com os administradores políticos da cidade, iniciou-se um processo de controle social, classificação das ações, punições e delimitação dos espaços. O saber é descrito como uma forma de poder.

Essa produção intelectual científica promoveu uma sistematização do conhecimento no século XIX. Os pressupostos lançados no século XVIII foram intensificados no século XIX. Novas epistemologias nasceram e se desenvolveram, foi possível a prática de novos métodos e perspectivas, a tecnologia usada e incentivada pela Revolução Industrial trouxe mudanças nas relações de trabalho e de produção. A sociedade moderna tornou-se concentrada na lógica produtiva, na economia e racionalização dos espaços, no treino e otimização do corpo, na busca do lucro. Nesse contexto, o indivíduo improdutivo, louco, doente, lazarento, tornou-se um peso social, um empecilho da engrenagem produtiva.

Em *O Nascimento da Clínica* (1977), Michel Foucault realizou uma pesquisa em relatórios de diagnósticos médicos entre os séculos XVIII e XIX. Ao realizar isso, conseguiu identificar o aprimoramento e a perspicácia da descrição dos corpos na passagem entre esses dois séculos. Os corpos foram dissecados e detalhados. A epistemologia da medicina foi aprimorada e ganhou grande receptividade nos diferentes meios sociais. Apesar de não existir uma conexão direta entre essas duas obras, tanto em *O Nascimento da Clínica* quanto em *O Alienista*, percebemos que esse discurso científico da medicina gozava de prestígio social. Ninguém em Itaguaí ousava questionar as ordens de Simão Bacamarte. Os que tentavam fazer isso eram tidos como loucos e presos no hospital; tudo isso com o consentimento das autoridades que querendo o melhor para a cidade respeitavam a sapiência do médico. Utilizando uma perspectiva foucaultiana, Gomes (1993) elabora uma análise da loucura em *O Alienista*:

É o corpo falante, submisso ao discurso científico. A ciência é disciplina, sabe Machado. Poder e disciplina. Enquanto conjunto de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ensinamentos e enquanto normatização que se cristaliza num corpo (GOMES, 1993, p. 155).

A ciência como disciplina alterou a dinâmica da cidade de Itaguaí. O que nos espanta é saber que os estudos sobre a loucura de Foucault foram produzidos mais de oitenta anos depois da publicação de *O Alienista*. É muito impressionante que Machado antecipa de modo intuitivo um problema que será estudado somente anos depois da sua morte. Ele é capaz de efetivar uma das maiores contribuições do discurso literário: apresentar de modo compacto, poético e intuitivo determinados aspectos da realidade que ainda não foram devidamente especificados.

Na literatura russa do século XIX, os dois maiores escritores do período, Dostoievski (1821-1881) e Tolstoi (1828-1910), foram capazes de descrever em romances psicológicos as atividades mentais dos loucos, paranoicos, esquizofrênicos, a mente do santo, do homem, da mulher, os vícios e virtudes da modernidade. A descrição dos estados mentais nessas obras é riquíssima. Em alguns momentos, Dostoievski era capaz de passar muitas páginas descrevendo os pensamentos dos personagens sem que nenhum fato aconteça. Os processos psíquicos dos personagens ganhavam o plano principal no enredo. A profundidade psicológica tornou-se literatura. No século XX, com Kafka, a alucinação, os medos, os distúrbios são colocados em prosas marcadas por claustrofobia, tornando-nos cúmplices dos tormentos dos personagens.

Mas Machado não se ocupou em detalhar a loucura nesse conto. Não há um detalhe exaustivo da psique de Bacamarte. Durante a trama, alguns aspectos da psicologia do médico itaguaiense vão aparecendo. Seu foco está no modo no qual a loucura era tratada no Brasil Imperial. Quem é o louco? Como tratá-lo? Quem irá tratá-lo? De que modo se dão as relações sociais para solucionar um possível problema?

Foucault (1976) traz também em *O Nascimento da loucura na época clássica*, a análise da mudança ocorrida na modernidade a partir do momento em que a loucura



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

passou a ser excluída do meio social. O discurso do louco, antes do Iluminismo, estava integrado nas artes, no cotidiano e era parte de uma consciência de verdade. A loucura estava integrada na sociedade. No entanto, após a racionalidade moderna ganhar forma, a loucura é separada do social: nasce a clínica, o hospital, o hospício e formas físicas capazes de separar o louco da sociedade.

Na lógica produtiva da Revolução Industrial, o louco improdutivo não se enquadrava no corpo social, para tal, era obrigado a receber tratamento, isolamento, separado, codificado, marcado, registrado, diagnosticado pela ciência vigente. Era o embate entre a loucura e a razão. Nessa mesma perspectiva, os sistemas educacionais modernos receberam uma influência direta da disciplina militar. A postura corporal, o uniforme, a fila, a ordem, a disciplina tornou-se parâmetro para o desempenho escolar. O Estado tornou-se provedor da educação, logo, promoveu a disciplina dos corpos, a vigilância, o aperfeiçoamento dos métodos punitivos, a objetivação das ações, a docilidade dos gestos, aprimoramento da técnica: a educação transformou o animal em homem moderno.

Gomes (1993) salienta como a literatura soube utilizar durante séculos o discurso da loucura e mostrar como ele estava integrado no corpo social:

A resposta parece ser simples: trata-se da verdade a respeito da loucura, sendo a loucura uma das situações-limite que - no Quixote, por exemplo, - têm sido exploradas com muita frequência em termos ficcionais. Na literatura se preserva a convicção de que uma das maneiras privilegiadas de se produzir a verdade seja enlouquecendo o personagem, o que remonta a uma época em que ao louco se concedia o direito à fala (GOMES, 1993, p. 149).

É possível relacionar algumas características entre Simão Bacamarte e o Fidalgo Dom Quixote de la Mancha. Os dois eram portadores da verdade, imbuídos de valores e princípios capazes de melhorar a sociedade. Suas ações desastrosas eram frutos da convicção de que eram portadores de uma missão. Mas, a cada passo, em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cada ato, ao tentar promover o bem, produziam o caos. Seja na Mancha ou em Itaguaí, quando um homem solta seu pé da realidade e tenta moldá-la à sua ideia, tem-se a tragédia. E foi a partir do século XIX que a modernidade passou a experimentar cada vez mais modelos ideológicos que se apresentavam como fórmulas capazes de moldar a civilização segundo critérios abstratos para promover um futuro melhor. A semente dessa loucura foi narrada por Cervantes no século XVI. Todas as vezes que alguém tem um ideal e concentra poder para melhorar o futuro da sociedade algo dá errado: foi assim com Hitler, Lênin, Stálin, Quixote e Bacamarte.

A crítica ficcional e até certo ponto exagerada que aparece na trama do conto adiantou um movimento no século XX que lutou pelo fim dos hospitais psiquiátricos. Muitos hospitais psiquiátricos simplesmente isolavam os loucos da sociedade e não forneciam as condições básicas de higiene, alimentação, instalações e tratamento: um depósito de loucos.

Em *O Antiédipo* (2016) e *Mil Platôs* (2017), Gilles Deuluze e Felix Guattari traçaram uma crítica aos métodos de tratamento da psiquiatria moderna e apresentaram uma nova proposta de tratamento: a esquizoanálise. A medicina moderna preocupou-se em detalhar, descrever e racionalizar o corpo humano. A proposta da esquizoanálise entende o corpo humano como uma máquina de desejo sem órgãos e divisões, produtora de fluidos, máquina de expressões, unidade de desejo. Houve um forte movimento antipsiquiátrico que lutou pelo fim dos internamentos psiquiátricos. O uso indiscriminado de medicações dopava os loucos, formava uma legião de zumbis, aniquilava as potencialidades.

O Brasil Imperial de Machado de Assis era marcado pela presença da escravidão, de rígida divisão econômica e social, muito ligada ao trato agrário e timidamente citadina e industrial. As relações entre a política e os barões eram próximas, os jogos de interesses das classes dominantes prevaleciam em detrimento do bem estar social. Dom Pedro II tentava modernizar o Brasil, mas foi somente no fim de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seu governo que conseguiu abolir a escravidão. Para alguns historiadores, esse foi um dos motivos que impulsionou o golpe republicano. Havia as tentativas de rupturas na forma política com a implementação do modelo republicano e ao mesmo tempo a permanência de práticas que remontavam ao período colonial.

Rabello salienta quais são as estratégias narrativas utilizadas por Machado:

Inventa uma *estratégia* autoral em que, ao criar narradores que pertencem à elite e reproduzem seus valores, pode exibir os mandos e os desmandos de nossas classes dirigentes sem com elas se confundir, a despeito de seus leitores fazerem-no sem perceber aquilo com que se identificam (RABELLO, 2008, p. 196).

Nosso conto é narrado em terceira pessoa e é baseado em relatos de antigos cronistas não identificados de Itaguaí. Mas, mesmo assim, percebemos as vozes das classes dirigentes da cidade. Eles não narram a história, mas participam efetivamente dela impondo seus valores. O próprio Bacamarte se encontra em uma situação social privilegiada.

Os ideais do positivismo francês estavam presentes nos círculos militares brasileiros antes mesmo da Proclamação da República. O lema do pendão da esperança, *Ordem e Progresso*, traz as marcas da influência positivista que moldou o novo Estado republicano. Machado de Assis soube observar e descrever esses ideais com sagacidade, com ironia ímpar colocava em seus enredos as debilidades dessas crenças. A cientificidade de Simão Bacamarte era também nutrida pelo positivismo científico do século XIX. A ideia de administrar uma sociedade baseando-se em critérios rigorosamente científicos estava nos discursos pré-republicanos e na oratória dos políticos de Itaguaí. Em vários momentos, alguns personagens percebem as atitudes ridículas do médico psiquiatra, mas não ousam desafiá-lo, contrariando suas crenças, convicções e leituras da realidade. Como seria possível um cientista, médico, formado na Europa, imparcial, cometer alguma irregularidade? Que outro discurso seria capaz de se sobrepor à racionalidade científica?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Conclusão

Apesar de todas as mazelas descritas no conto *O Alienista*, das importantes pesquisas apresentadas com vasta documentação por Foucault apontando para a debilidade dos diagnósticos nos séculos XVIII e XIX, das relações de poder entre a medicina e a política, das propostas de Deleuze e Guattari, devemos admitir que a epistemologia psiquiátrica promoveu avanços nos métodos de tratamento nos últimos anos. As clínicas modernas não utilizam a crueldade aplicada na sua origem. As medicações se desenvolveram e conseguem trazer benefícios sem devastar o físico do paciente. A psiquiatria se ramificou e se especializou ainda mais.

As críticas feitas por esses autores foram importantes e necessárias. Dentro do contexto histórico no qual foram produzidas, fazem muito sentido. Contudo, deslocá-las para o presente e interpretar a atividade psiquiátrica atual com as referências do passado, traz um grande prejuízo aos pacientes. É muito importante destacarmos essa perspectiva, visto que, na contemporaneidade ainda existem movimentos antipsiquiátricos. Inclusive, muitos psicólogos não interpretam as práticas psiquiátricas com bons olhos.

Diante dessa discussão está o paciente. Estado, política, psicologia, psiquiatria e até mesmo a literatura são saberes necessários que apresentam a potencialidade de promover benefícios às pessoas. Machado nos deu essa lição. Não sejamos o Simão Bacamarte do século XXI.

## Referências

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. In: *Obra Completa*. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho, 4ª edição, ilustrada. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1979, p. 253-288.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 2017.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

\_\_\_\_\_. **O Antiédipo**. São Paulo: Editora 34, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Trad. de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1977.

GOMES, Roberto. **O Alienista: loucura, poder e ciência**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 145-160, 1993 (editado em nov. 1994).

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. São Paulo: Editora Vozes, 1985.

RABELLO, Ivone Daré. **Machado de Assis: um homem genial?** In:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-26492008000400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-26492008000400009),

Acesso em: 17/11/2018.